



# A SENTINELA

Quinquenário Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,  
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,  
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO — A. Faria.

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua de Camões, 55 & Typ. Minerva Vimaranesse

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 12 de Novembro de 1916 NUMERO 4

## DEBICANDO



UM snr., cujo nome ignoramos, e d'isso não temos o menor pezar, em correspondencia d'esta cidade, informou *A Ordem* de que haviamos usado d'uma provocadora diatribe contra dois sacerdotes, que são modelos de virtudes e não de calandricas.

Como estamos de pachorra, vamos debicar um pouco com o *sagaz* e *conscencioso* correspondente, porque responder a serio é coisa que não fazemos cá por coisas.

Temos um medo a polemicas que todo nos pelamos.

Uma polemica para nós seria o mesmo que aturar durante dez minutos o patarata do *La Croix*. Só esta ideia nos põe medo!

Até escalda!  
Safa!  
Mas vamos lá debicar um pouco.  
O' Roberto!... Roberto!...  
— Meu senhor.  
— Deixa ver d'ahi a tua moca.  
— Prompto!  
— Obrigado!

Ora vamos a isto que é uma pressa e nós temos mais que fazer do que aturar *cabos*, que não querem ou não sabem comprehender.

O snr. correspondente percebeu o que nós dissemos a respeito dos reverendos a que alude na sua infeliz correspondencia?

— Eu... eu... lá para que digamos...

— Adeus!... adeus!... Lá começa vocelencia a tatejar!... Que vocelencia não percebeu patavina, isso é evidentissimo! Temos d'isso a mais absoluta certeza!

Ora oiça, vossa senhoria;

Aqui nunca se ofendeu nem já-mais se ofende ninguém.

Dissemos, é certo, em estylo

mais ou menos brincalhão, pois assim o permite e exige a indole cá do jornal, que aqueles sacerdotes precisavam de estudar a lição, ou seja de fazer mais exercicio de leitura, não só para não irem para a igreja provocar o riso dos fieis, mas tambem para que se não dissesse, ao ouvir-se tão horrivel dicção, serem alumnos da antiga escola do Cadel-la, que estão a soletrar a palavra sublime do Divino Mestre.

Foi ista pouco mais ou menos o que dissemos em o primeiro numero do nosso modesto e inofensivo jornal.

■ Não ofendemos, não!

Dissemos apenas a verdade. Mas dissemo-la de frente a frente, de cara a cara, e não por intermedio da vil e infamissima carta anonyma, processo muito usado por apontadas e miseraveis creaturas, que nós conhecemos e muito bem distinguimos...

Adeante...

Não falamos em virtudes, nem tão pouco nos referimos á vida

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

particular d'aqueles reverendos; praticamos tão somente uma obra de misericórdia.

Pois não é uma obra de misericórdia ensinar os ignorantes e castigar os que erram?

E'.

E por assim ser, castigamos os que erram, ou seja, no caso presente, os que não sabem ler.

Mas fizemo-lo a rir, a brincar, a cantar.

E cantigas não molestam; cantigas levam o vento...

Onde está, pois, a desbocada diatriba?!

Desbocada?! Hom'essa!...

Desbocado, desenfreado, estaria o manhoso correspondente quando a largo trote foi ludibriar *A Ordem* com a hypocrita correspondencia.

Ora pois.

Esta lebre está corrida,

Ora agora, voce, vac-nos explicar aqui muito em segredo, aqui muito baixinho, aqui de forma que ninguém oiça, o que quer dizer aquella laracha de *calondrice*.

Parece que entupiu?!...

Fale, homensinho... Diga qual-quer coisa, snr. correspondente.

Então?!... Vamos!... Muito animo!... Muita força de peito!... Um *home* nunca treme!...

Desembucha, menino.

Não desembucha, não!

Não lhe convem...

Voce que fala tanto em catholicismo, que até faz desconfiar da sua crença, e que nos manda bater no peito, será capaz de nos negar que aquella despropositada piadinha, por signal sem piada nenhuma, é uma mordaz alusão á mais toleravel das *frieiras* da nossa terra?

Olhe como nós adivinhamos!...

Olhe como nós demos uma nica no seu peão!

*Calondrice!!!*

Com um *calondro* precisava voce na estafada careta, para não voltar com mais *buchas* para *A Ordem*. Ouviu?

Ora não continue, porque se continua a *Sentinel*a prega-lhe

uma cronhada que lhe põe os queixos á banda.

E agora:

Passa de largo!

P. S.

A respeito de educação, temos a dizer a vossa *insulencia*: que já-mais em tempo algum trocaremos a nossa pela tua.

Ouviste, ó tu que vaes ao *ranch*o?!

Temos dito.

### A flo de espada

## Horas fóra d'horas



QUANDO se trata de avançar, ó meninos, é um avançar sem geito.

E nos...

Assim, nos dias grandes, záz, avançaram os relógios uma hora; chegam os dias pequenos, záz, recuam os ponteiros uma hora.

Isto anda tudo torto.

Se 'stá bem, eu vou e venho logo.

Nos dias grandes, que não era preciso augmento...

.....

Ai não é assim?!

Muito obrigado a vocencia.

Então ficou tudo como dantes, *n'est-ce-pas?*

Bom, bom, eu é que não sei lá disso.

Lembrava-me, que se a coisa d'augmentar estivesse nas mãos do governo, era bom pedir-lhe que augmentasse agora, em lugar de uma, pelo menos tres ou quatro horas.

São os dias curtos... e as horas! ó! como ellas passam ligeiras...

Mas como vocencia diz, isto de avançar ou recuar não põe ao caso, não é verdade?

Ora bolas para elles todos.

Agora uma coisa: — dá-me licença?!

Já que vocencia se dignou elucidar-me do complicado assumpto das horas, eu tomo a liberdade de lhe pedir um momento de attenção.

Vou contar a vocencia uma peripécia que se não tem graça, também não offende.

Importancia, não tem nenhuma.

Ora imagine vocencia que no dia 1 deste mês, dia em que fizeram recuar os ponteiros, tinha eu uma entrevista marcada para as 12 horas da noite, com um cavalheiro... para que mentir? eu vou ser sincero, desculpe — com uma rapariga.

Ah!... Ah!... não tem ao caso, não é assim; era namoro...

O certo é que á meia noite menos dous ou tres minutos, saí de casa.

Cheguei a S. Francisco e já o relógio da cathedral velha — como dizia o outro — batia compassadamente as doze da marca.

Adeantei o passo, e quando estava na Oliveira, pae da vida, boqueaberto quedei-me a olhar para cima, para o relógio. Marcava onze e meia e cinco minutos.

Ora esta bucha...

E como ficasse neste lindo proposito, a olhar para o relógio da torre e para o meu, um patusco passou e disse — batendo-me no hombro — *então toca a desandar p'ra traz*...

Qual p'ra traz — repliquei, julgando que estivesse de cara com um policia da segurança — p'ra frente é que vou.

— Não é isso cavalheiro... o relógio... não percebeu?! — elucidou o maduro, andando sempre, por causa da chuva.

Ah! o relógio, é verdade...

Com seiscentos macacos...

Tinha-me esquecido.

Depois, até do decreto me lembrei.

Era o numero 200 mil e não sei quantos, que mandava os ci

*As senhoras devem trajar de preferencia os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo—Tailleur da Avenida.—GUIMARÃES.*

dadãos a dar para traz nos ponteiros.

E agora a rapariga?—perguntei a mim mesmo.

Será tarde, será cedo?!

Principiei a conjecturar.

Pela velha, a hora chegou; pela nova, a hora ainda ha de vir. E o relógio della andarà pela velha ou pela nova?!

E etc., por aqui fora, assim, a discorrer...

Bem, resolvi de prompto; esperarei pelas 12 horas seguintes, já que os altos poderes concederam aquella noite, duas meias ditas.

Bom, bom, do mal o menos.

Meti o relógio ao bolso, e principiei a passear debaixo dos velhos alpendres, abrigado da chuva.

Depois, é claro, quem espera desespera.

Primeiro que chegasse a segunda meia noite, meu Deus! o que eu esperêi.

Era a segunda, chegava mais tarde.

Paciencia!

Suspirei fundo e largo quando ellas bateram.

Agora sim; doze horas.

E lá fui, rua acima, muito apressado, até que dei de chapa com a casa da minha mais que tudo.

Mas fiquei admirado, surpreendido.

A janella estava fechada.

Mau!..

Tossi, cuspi, pigarreei, fiz mil barulhos.

Nada.

O relógio da cathedral velha—sempre como o outro—bateu um quarto repenicado.

Meia noite e um quarto.

Não era tarde!..

Mas que diabo...

E puchei desesperado do meu relógio.

Fiquei banzado!

Marcava uma hora e vinte minutos.

Ora imagine vocencia o meu desespero.

Isto de mudanças e alterações, por bem pequenas que sejam,

acarretam sempre grandes consequências.

Vocencia não viu, quando foi da mudança do regimen, o que aconteceu?

Ninguem se entendia, ninguem sabia a quantos andava. Tudo corria torto e todos andavam às aranhas.

Como eu tal e qual, naquelle momento de alteração!

E' que isto de mudanças...

B.

### Ainda e sempre o relógio da Basilica



nosso querido amigo snr. padre Antonio Monteiro, deveras penhorado com a grandiosa manifestação que lhe fizemos em o nosso ultimo numero, participa-nos: que podemos declarar aos nossos numerosos leitores, que a subscrição para a compra do relógio, que tem de figurar na torre de S. Pedro, será iniciada no proximo mez de janeiro e a qual será aberta com a linda quantia de 10:000 reis, que o mesmo reverendo senhor offerece do seu rico bolsinho.

Muito bem!

Actos d'estes registam-se.

Ao grande patriota, ao bom amigo da sua terra, a *Sentinela* apresenta sinceros cumprimentos e faz a mais respeitosa das continencias.

Mas isto só não basta; é pouco.

E' preciso o hymno.

O' Joaquim Guise prepara a batuta e rege lá:

O' Guimarães, teu progresso e tua vida  
E' toda a no-sa aspiração.  
Etc.

O povo e principalmente os moradores do Toural, levantam entusiasticos vivas ao snr. Padre Monteiro.

Viva!

### Na «Milaneza»

Boas noites, meus senhores.

Venho tarde, mas, pelo que vejo, ainda tenho de esperar, disse o *adiposo* Snr. Fernandes sentando toda a sua rotundidade nas duas cadeiras ainda vagas, que rangeram plangentemente sob tamanha pressão.

—O' Julio, escanhôa aí *debaixo da barbela*, mas aia primeiro a navalha, gemeu um dos pacientes, que, como eu, estava sendo barbeado.

O mestre barbeiro, segurando com a esquerda a ponta de um cigarro e repincelando com a dextra os meus doridos queixos, fitou demoradamente o anafado Snr. Fernandes e dirigiu-lhe a proverbial pergunta:

—Então, que ha de novo, Snr. Fernandes?

—Nada *seu* Calisto; limitou-se este a dizer, sorvendo uma enorme pitada de meio grosso.

O relógio da Basilica, perdão, o da Oliveira acabara de bater pesada e lentamente 12 badaladas—a meia-noite tétrica dos fantasmias e dos lobishomens.

Uns freguezes dormitavam, outros liam o Tico-Tico.

O ruido sêco das navalhas e o rufar da chuva nos vidros das portadas casavam-se com o estrepitoso resonar do Snr. Fernandes, que já cabeceava compassadamente.

—*Quem 'stá adente?* Pergunta o Julio sacudindo o penteador.

Tocava a vez ao Snr. Fernandes.

Era já o terceiro cliente que tomava assento a meu lado e eu ainda ali estava às ordens do mestre, que, como sempre, estava de pachorra.

—Calistinho, olhe que já deu meia-noite e eu tenho de sair no comboio das 7; atrevi-me a observar.

Como resposta, o mestre acendeu o sexto fósforo para a sua

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE

ponta de cigarro, afiou pela vigésima vez a negregada navalha e, mal tinha começado a barbear, como querendo mostrar o seu desembaraço, zás... um golpe.

—Oh Calisto, olhe que me cortou, atalhei eu, vendo que êle não tratava de me vedar o sangue que tingia a alva espuma do sabão.

—Ah! Não faz mal, Snr. Pir Ambula, — acudiu solícito. — Eu tenho ali sublimado e pedra hume...

Depois de colado o enxerto e terminado o sacrificio, lembrou-me perguntar ao mestre:

—Quanto paga o Sr. Fernandes?

—Tanto como V. S.<sup>a</sup>, Sr. Ambula.

—Mas isso é uma desproporção com que eu não posso concordar, mestre.

Então o Sr. Fernandes, que, com as suas bochechas, tem a cara quatro vezes maior que a minha, ha-de pagar tanto como eu?

Nada! Ou você passa a fazer barbas por medida ou tem que riscar o meu nome da lista dos seus freguezes...

PIR AMBULA.

## Plebiscito de "A Sentinela,"

(a concurso)

### O QUE É A SAUDADE?

RESPOSTAS

V

**Saudade** — Balada que passa sobre o manto feral da dor!

Sombrá que innunda de trevas um coração apaixonado!

Rajada de vento agreste, que em convulsões potentes, vem apagar a luz redemptora da Felicidade!

SUSPIRO.

VI

Saudade é o sentimento mais elevado, mais nobre, que existe:

é o sentimento dos sentimentos!

O' Minha Nossa Senhora da Saudade, que ingente saudade eu sinto na minha alma pela *Cytherea Tridade*, Virgem eleita dos meus lascivos e libidinosos sonhos de moço ardente e apaixonado!...

A Saudade eleva-nos suavemente ás olympicas e idyllicas culminancias da ternissima Sensibilidade...

Ah! a Saudade é eterna, é immortal, como:

"Voz d'Elle, a doce, a maviosa,  
Voz d'Elle,

Que me chega atravez a noite dolorosa,  
Pra que jamais possa esquecer-a!..,

Vimaranes, 1916

ALFREDO FELIX.

### Três de cada vez

— Como é isso, querido duque! Dizem-me que já tinha oitenta anos! Eu não lhe dava cincoenta...

— Nem eu os aceitava, marqueza; porque então, em vez de oitenta, teria cento e trinta.

Um cliente encontra o seu medico na rua.

— Meu caro doutor! Tenho immenso gosto em vel-o!

— Obrigado... obrigado!..

— E, a proposito: diga-me: que aguas devo eu tomar este ano?

— Desgracado! Pois o meu amigo bebe agua!

### Adeus dum bêbado

Um borrachão de campanha,  
Cheio de chagas nas pernas,  
No dia em que deu á costa  
Disse este adeus ás tabernas:

— Adeus, amigas... eu vou,  
Pagar á morte o tributo...  
Fazei chorar as torneiras,  
Cobri as pipas de lucto!

«A Sentinela» encontra-se á venda, no Kiosque do snr. Torquato Gonçalves, ao Passeio da Independência.

### Enfileirando ao lado do João

E' do nosso sympathico amigo snr. João de Deus Pereira, solícito e amavel correspondente d'esta cidade para *O Primeiro de Janeiro*, a correspondencia que gostosamente transcrevemos com a devida venia:

«Guimarães, 26—Urge que a meza da Irmandade de N.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> do Carmo da Penha intime o dirigente do hotel ali installado a fazer desaparecer, sem perda de tempo, os escorros provenientes da retrète, os quaes se acumulam na rua que circunda a mesma casa de hospedes.

Não se pode supportar o cheiro nauseabundo que exalam os escorros, o que muito depõe contra a hygiene e causa pessima impressão a quem visita aquella nossa aprasivel estancia.

Sabemos que ha bem pouco tempo uma familia que se encontrava a descançar perto do referido local, viu-se obrigada a abandonal-o apressadamente e procurar um outro onde pudesse estar á vontade, isto é, sem o grande incommodo do cheirete.

Esperamos ver brevemente remediado este grande mal, que nunca deveria existir num logar tam visitado como é o da Penha.»

Assim é que é, amigo Joãozinho!

E' mesmo assim!

Muito bem! muito bem!

Tens o nosso apoio!

O nosso apoio estará incondicionalmente ao teu dispôr, desde que seja para dar para baixo naquelles que justamente o mereçam.

Cheirete na Penha?!...

Fóra!... Fóra!... Fóra com elle!...

Toma um abraço e marca duas á preta.

Um abraço?!...

Um, dois, três e uma beijóca da mais sincera reconciliação!...

Pega lá:

Beijocas!... Beijocas!...

Beijocas nos labios teus!

Beijocas, muitas beijocas

No nosso João de Deus!

Estão feitas as pazes.

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida,"

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

## EM FOCO



DEIXAR no olvido esta gentil deidade, uma das *Rainhas da Valsa*, seria, para mim, um eterno e pesado remorso.

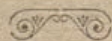
A corôa da nobresa, repousa, sem orgulho e galhardia, sobre os seus cabellos voluptuosos, que em suaves ondulações lhe emolduram o rosto impregnado de beleza.

Os sorrisos que dos seus pequeninos lábios de romã se desprendem, um requebro de meiguice, como d'um lindo botão de rosa afagado pelos ternos e ardentes beijos do sol, veem suavizar as amarguras dos seus admiradores, que, num prazer intenso a contemplam, com o mesmo extase com que um crente religioso adora o milagreiro santo das suas devoções.

Como é affavel o seu sorrir e doce o seu olhar!

Mais alegre que uma manhã de primavera e mais meiga que a brisa acariciadora, ella é indubitavelmente, uma das lindas flores que hoje vem, com o riço e frescor da sua juventude, adornar a nossa "*Jarra de Sympatias e Encantos*."

SEGREDO.



— COM que então também caiste na patética, meu caro amigo, de te exhibires ao publico?

Bravo! gosto disso! Os outros, os anteriores aqui reproduzidos não eram mais do que tu, não é assim?

Olha: pomada não levas, tem paciencia; pelo menos não estou resolvido.

Esta galeria é muito diferente das das senhoras: ás gentis sempre se dedicam dez ou vinte adjectivos dos mais bonitos; aos homens, aos rapazes, já assim não succede. Mesmo é feio, ridiculo, caricato. Havia de ter muita graça um sujeito elogiar outro! Isso sim! nessa não caio eu. Elogiar-te? que és elegante, bonito e pècego? Nada! é um perigo nos tempos que atravessamos. Passares por uma rua e ouvires do lado: adeus, ó pècego! Era bonito? Nada. Por certo que não gostavas.

Quem te fitar attentosamente, diz: este é o Passos, o Eduardo. Coheço-o muito bem.

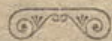
Para rematar vá lá! vá lá! Um favor fez-se sempre ao diabo, quanto mais a um amigo antigo e intimo!?

Como dissera acima não te elogio; mas confesso e reconheço que foste sempre um bom rapaz, modesto, sincero e habil.

Lês, estudas e, nas horas vagas, escreves nacos de prosa que aprecio, e versos (vê lá tu!) que prometem.

Nada mais. Caiste em boa! Deixa-te de versos. De maduros estamos fartos!...

OSCAR DINIZ.



## Recordação

Amigo e collega Segredo

NAS suas recordações tão chorosas como *insulares* encontro toda a semelhança com o mesmo *Paraiso* que, faz agora precisamente um anno, conheci com o nome de «os Infernos». E—caso singular!—os *infernos* no *paraiso* com uma *insula*, um rio e um bosque!... Não tem uns traços de *divina comedia*? Mas eu lhe conto para o avisar de que não deve aproximar-se muitos desses *Parnasos* tragicos dos quais a recordação está a fazer tremer os nervos da mão direita que era a que seguava os sapatos.

Eu fazia uma viagem, que forçosamente, tinha de ser a pé, não só para distender os musculos amarratados durante oito dias sobre uma enxerga de colmo... ás ordens da lei, mas tambem para encontrar essa mão pequenina como uma concha que me prometera colher todos os beijos que cahissem maduros por tantos dias de ausencia.

Ao encontrar-me nesse lugar que o meu amigo conhece e que pela primeira vez eu via, as palpitações duras e secas repetiram-se entre as costelas e a custo segurei o delicioso ah! de semelhantes contingencias.—A viagem interrompida; uma catarata de agua e ao fundo um bosque para onde endireitei com delirio. Não gritei o conhecido *Eurêka* porque está muito batido, mas, com dois pulões de equilibrista e os sapatos encharcados, eis me na *insula* cheio de coragem para a mesma operação do outro lado e assim caçoar dos elementos que se opunham á continuidade da minha marcha.

As arvores copadas numa sombria de leite, a macieza da areia numa tapeçaria de aljofar atraíram o canção, e os sentidos prostraram-se-me ao lado do cor-

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS

po numa somnolencia meiga e risonha, não digo de sonho porque é falso, mas de felicidade que era o que era!

A tarde, uma verdadeira tarde de verão que finaliza com pena, com paixão, com amor dos ebrios, dos sedentos de olhares de fuligem ou de feiticeiros olhos azuis-claros que nos seduzem e trespam a vida; uma dessas tardes que, para mim, são um tragico adeus quando juntos dum rio vemos a nevoa envolver-nos como o clarão dum lenço branco a tremular ao longe. E eu trazia na retina de meus olhos embaciados a magia duma tremulação assim! Um farrapo de algodão que nos castiga pelo trazermos preso no bolso!...

Se ouvi, como o meu amigo, os alacres madrigais da cotovia ou os plangentes ais do môcho que por lá abunda, não o posso dizer, porque tinha adormecido confiadamente, não receando nem do lençol nem da inviolabilidade da habitação; mas, em contraposição, o espanto mais apalermado que imaginar se pode, se desenhou em mim ao acordar com um rio muito maior em minha frente. O sol já me chegava coado por entre os amieiros e a bruma tornava-o baço. Uns traços de tragedia distinguiam na massa enorme das aguas do Ave que me circunda! Transposto haveria ganho duas leguas, e a resolução heroica que me incitou á travessia que me ficava ás costas é a mesma que me tange para a da frente. Num momento apareci... como no mundo apareci com a diferença de segurar no braço esquerdo todo o fato e no direito os sapatos. De penhasco em penhasco, imitando os prodigios do saltimbanco, com agua pelo peito fui caminhando até ao mais fundo do leito. Ahi, um desequilibrio na limosidade d'um calhau, mais rapido que a «Queda d'um Anjo» me precipitou na massa liquida que febrilmente rumorejava na correria louca do continuo caminhar...

Se lhe quizesse expor o resto teria de ler primeiro ou outra vez o naufragio de Sepulveda, ou procurar as lamentações do Titanic. Suponha, sem se rir, o sobretudo estendido como uma gai-vota levada na corrente, os sapatos duas gondolazinhas venezianas á mercê da maré sem canto de trovador, porque quem as tripulava eram as meias, enquanto que eu fazia esforços por me lembrar da arte que aprendi no riacho da Mouta, tentando deixar de beber toda a agua que me afogava, e terá o quadro magnifico do naufrago que se agarra aos restos do navio. Um renque de amieiro por onde alcancei a margem deu-me a maior alegria d'aquelle dia—salvou-me.

As peças do meu vestuario navegavam primorosamente muito já lá abaixo da insula quando as pude segurar. O quadro fiel do homem primitivo vagueou então á mercê das restas de sol que se mergulhava ao longe ainda como um sorriso roseo de juventude.

Pouco pôde secar!

A coruja no piar sinistro das tardes quasi outonais abreviava a noite. Envolvi-me no lusco-fusco e na agua da roupa seguindo errante, triste, mas feliz porque já sabia que teria ao outro dia uma carta com quanto vezes repetidas a palavra saudade!

Nos olhos uma lagrima, no coração uma pérola!... A' vista a distancia negra e cerrada, na alma a visão d'aquelles labios abertos — sorriso de compaixão ou de amôr!... Somos, tão bons de contentar, nós os homens!...

TIRTEU.

### «O TAGARELA»

Passou ultimamente o 1.º anniversario do nosso estimado colega da vizinha Vila de Fafe «O Tagarela».

Descjando-lhe um futuro prospero e risonho, enviamos-lhe os nossos sinceros parabens.

## Da minha quinzena...

Porque não se realizou,  
Como estava combinado,  
No domingo, o tal carneiro  
Com batatinhas assado?

Mostrou o nosso governo  
Receiar dos *alamões*,  
Proibindo a patuscada  
Das faladas eleições!

Teve mêdo aos submarinos,  
Mostrou mêdo, com franqueza,  
O povo da heroicidade,  
—A tal raça portugueza.—

Se Nun'Alvar's fosse vivo  
E de Aljubarrota a padeira,  
Tal caso não haveria,  
No país da chinfrineira!!

Embora o Almeida quisesse,  
O Afonso não consentiu;  
E estaes a ver que o Camacho  
De tudo, tudo se riu.

Andam tristes os caciques  
Co'o dinheiro que gastaram,  
Em automoveis, promessas,  
E nada, nada lucraram...

A ver vamos se o governo  
Não *dilata* as eleições;  
Malditos sejam, p'ra sempre,  
Desordeiros *alamões*;

Pois vieram confundir  
Os destinos do país;  
Que diria se soubesse  
De isto D. Egas Moniz?!

Um carneiro quem m'o dera,  
Muito bem temperadinho:  
Se não deitasse no Zé,  
Deitava no Afonsinho!...

ZÊ NINGUEM.

## Vida académica

### Eleição

Procedendo-se ultimamente á eleição da direcção da Academia Vimaranense, deu o seguinte resultado:

Presidente, Armenio Caldas; vice-presidente, Armando Leite; 1.º secretario, Antonio Gonçalves Vianna; 2.º dito, Jorge Pimenta de Castro; tesoureiro, Antonio Madureira.

\*

## Conego Ribeiro

Segundo lemos em varios collegas, a rapaziada do Internato Municipal festejou este anno com toda a pompa o anniversario natalicio do seu digno director snr. Conego Antonio da Silva Ribeiro.

Houve banquete e um interessante sarau, sendo recitadas muitas poesias e representada a bella peça de Marcelino de Mesquita *Uma anedocta*, em que o alumno José Pinto desempenhou magistralmente o papel de *rapaz*, falando como um verdadeiro... *papagaio*.

Recitaram poesias os alumnos: Manoel Gomes d'Almeida—*Os dois granadeiros*—que teve as honras de *bis*; Antonio Luciano Teixeira um engraçado *monologo*, que despertou hilaridade; e o menino Manuel M. d'Oliveira Porto disse lindamente os admiraveis versos de Lopes Vieira—*Uma herva*—.

Foram todos muito aplaudidos, bem como o quintanista snr. Joaquim Bravo na bem burilada saudação que dirigiu ao illustre director d'aquella casa de ensino.

Terminou a sympathica festa com muitos vivas ao snr. conego Ribeiro, que commovido agradeceu aquella prova de carinhoso affecto.

Durante o jantar e nos intervallos da sarau fez-se ouvir um delicioso quinteto, que executou musicas lindissimas.

## S. Nicolau

Tudo se prepara para que as proximas festas nicolinas excedam em brilhantismo ás dos annos anteriores, o que não ha-de ser muito difficil antendendo á pobreza franciscana que elles teem revestido ultimamente.

Ou a academia faz coisa de geito, ou então é bem melhor não fazer coisa nenhuma.

E' preferível, creiam.

Ou cumprem á risca todo o programma que o Estatuto ordena, e receberão os nossos applau-

sos, ou, do contrario, levam na cuia que os estafamos.

Isso é que levam!

Nem S. Nicolau lhes vale.

Queremos festas em termos e que o programma seja cumprido á rigor, isto é: *Entrada do pinheiro—Novenas—Magusto—Pregão—Maçãs e Danças. Roubalheiras* não, porque isto agora é outra coisa e a guarda republicana não faz cerimonia e tem mais desembaraço do que a nossa bondosa e impagavel policia. Ella até é capaz de dar lambada por meio de... *gramophone!*

Cuidado, rapazes! Muito cuidado!...

Escusado será lembrar aos distinctos academicos, que na tradicional festa só pode tomar parte quem estiver ao abrigo do *Estatuto*.

«*Quem deita tacão em bota,*

«*Vende vinho ou bacalhau,*

«*Metter o nariz não pode*

«*Na função de Nicolau.*

Ora muito bem!

A ver vamos; a ver vamos o que sae da commissão de 1916.

## 1.º de Dezembro

Parece que a briosa academia vimaranense vae festejar a gloriosa data do 1.º de Dezembro de 1640, em que um punhado de portuguezes, d'estes portuguezes de... pêlo na venta, como se costuma dizer, e cheios de patriotismo, mandou *nuestros hermanos* dar leis lá para casa, mettendo assim a falla ao bucho á *señorita* duquesa de Mantua, a quem obrigaram a abater a altiva e arrogante prôa e que se não toma o redemptor expediente de calar a caixa das malaguenhas, seria forçada a dar o pincho abaixo da janella.

Isso é que havia de ser bonito!

Naquelles tempos ainda se não usavam cuecas...

Este glorioso feito, um dos mais brilhantes da nossa historia, foi em 1640!

Ha precisamente duzentos setenta e seis annos!

Como o tempo passa, meus senhores!...

## O vate Leão

—O vate Leão?!...

—Vocelencias são muito rudes de cabeça!... Até parece impossivel!...

Vate, quer dizer poeta.

—Ah!

—Pois o nosso vate, ou seja o nosso poeta Leão Martins, foi convidado pela academia para fazer o *Bando Escolastico*, que tem de ser recitado no dia 5 de dezembro, isto é, no penultimo dia das Festas Nicolinas.

—Muito bem! Bravo!

*A' porta do estabelecimento André & snr.ª Anninhas:*

—Onde iria o Vianna todo bombastico dentro d'um automovel?!

—Foi a Braga.

—Fallar com o *ex-commandante do loyd?*

—Não, menino. Foi ao Bom Jesus do Monte, a fim de o Longuinhos lhe emprestar o cavallo para o cortejo das maçãs.

## GRALHAS

Parece que os Snrs. tipografos não simpatisam nada com a poesia.

E' cada *gralha*, Snr. Dantas!!!...

No numero passado, por exemplo, no 4.º verso da 2.ª quadra do soneto «*Saudade*», do Snr. R. Esteves, saiu *leito* em vez de *leite* e no 21.º verso das «*Cartas para longe*...», do snr. Leão Martins, saiu *e mais* em vez de *nariz*.

Aos nossos presados colaboradores apresentamos as nossas desculpas e aos Snrs. tipografos recomendamos o Snr. *Pireira*, que recebeu ha dias um grande fornecimento de oculos e lunetas.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerta-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães

## SECÇÃO LITERARIA

## Morenas

A uma morena que  
conheço e que tem um  
sorriso de Santa.



**M**ORENAS, deliciosamente morenas, dir-se-ia que o astro Chryseu immenso lhes dera a magia da sua côr, a ardencia miraculosamente santa do seu calor de fogo.

Amorosas, d'um amor verdadeiro, infinito, que já creara em tempos uma Ignez de Castro—a do grande Desvayro, a Martyr do Sentimento—já encoberta nas brumas algidas d'um Passado distante e sempre amado, dir-se-ia que o espectro d'essa Rainha coroadá depois de morta, ou a esphyngue dolente de mil voluptuosas extinctas, lhes ensinara o segredo da sensualidade mais deliciosamente impura, o mysterio da paixão enervante e doentia que arrasta sempre ao supremo Martyrio, ao ingente Sacrificio e á Morte, e quantas vezes aos deslumbramentos impereciveis da Gloria, ou aos porticos austeros da Justiça da Historia!

Morenas! Que poema nos seus olhos peccadores, que epopeia nos seus labios impudicos! e contudo quanta tristeza, quanta nostalgia a adonisar-lhes os rostos!

Quem vos fez ser assim, oh filhas da Luz morena, irmãs do Fogo e do Oiro?

Que nevoas, que mysterios deram ás vossas faces lindas esse cunho de paixão angelica, aos vossos labios esse rictus eterno de amargura dolorosa?

Que lindas sois assim! e como vós soubestes furtar á Noite do Enfado, essa parcella do seu Té-

dio, essa parte da sua Tortura, esse atomo da sua Desillusão, que vos fazem ser Deusas n'uma Humanidade e completo cahos, e Immortaes n'uma Vida mortal!

Nas dobras do que morreu, nos abyssos do que não volta jámais, ou nas nevoas cansas do Passado saudoso, povoado de sonhos, de mysterios, de Belleza consumida, não se encontra Dor tamanha, tristeza tanta.

E se assim não fosse, onde es-taria a vossa Formosura, a graça do vosso Encanto?

Como creis dignas d'outra Vida, oh lindas prisioneiras n'esta Banalidade mundana que o orbe esconde em suas immensas veredas tortuosas!

E como eu quizera lançar-vos a um Paraíso onde não chegassem os rugidos dos que não comprehendem e não amam a Belleza da vossa côr morena, oh lindas filhas do Sol tostado, oh amantes Judias lusitanas!

P.

## Os meus olhos e os teus

Os meus olhos chamam, querem  
Os teus olhos: deixa-os vir...  
Os meus olhos só preferem  
Olhos assim a sorrir!

Deixa os meus olhos olhar...  
Deixa olhar os olhos meus...  
Deixa-os ver o teu olhar,  
Deixa-os ver os olhos teus!...

Meus olhos enamorados  
Aos teus olhos querem bem;  
Deixa os meus, entusiasmados,  
Ver só a côr que os teus têm!

Oh! calor, chamas tam belas!  
Oh! quanta, quanta magia!  
Oh! fulgorantes estrelas,  
Luz que enlouquece, inebria!...

VALERIO.

Epístola á Deusa Tridade,  
Diva do Sonho...

oh destino cruel!  
oh noite escura!

Bocage

... **W**AMBEM cumpro um altissimo dever, dever de honra e respeito, implorando submissamente a expiação dos crimes que cometti.

Os crimes foram grandes, bediondos, abominaveis, ferinamente estupidos...

Suplantei impiamente a Delicadeza, a Religião...

Fui brutal, petulantemente brutal... Sem reflexão, sem attenção, dediquei-vos suavissimas palavras de profundo entusiasmo, palavras recamadas d'uma ingenuidade tão fagueira, e d'um purissimo amor...

Oh Deidade do Sonho, quantas vezes me elevaste, «no manto diaphano da Phantasia», aos amenos paramos da Perdição, da Sensualidade...

Os momentos que eu gozei, momentos deliciosos e felizes... foram miseravelmente ephemeros como as flôres que ao desabrochar, morrem tristemente mirradas, definhadas, por lhe faltar os salutare carinhos do Bemdito Apollo...

Num dia d'estes ouvi uma voz de Nimpha, que num impeto de desdem, num momento decisivo, pronunciou abertamente estas asperas e cruas palavras: *de mim nada tem a esperar...*

.....  
«oh destino cruel! oh noite escura!»

.....  
Abandonei tudo e recolhi ao «convento, que ha além da Morte e que se chama Paz».

Vimaranes, 1916.

ALFREDO FELIX.